

REVISTA DE HUMANIDADES, TECNOLOGIA E CULTURA

Faculdade de Tecnologia de Bauru. ISSN 2238-3948.

A PRÁXIS DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ

THE PRAXIS OF THE EDUCATIONAL SCHOOL PSYCHOLOGIST IN THE PSYCHOLOGICAL DRIVE: EXPERIENCE REPORT DEVELOPED IN A PUBLIC SCHOOL FROM BELÉM DO PARA

Priscila de Nazaré Alves de Lima¹

ABSTRACT: O plantão psicológico tem como objetivo identificar e analisar as principais demandas na comunidade escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e descritiva de abordagem qualitativa, com alunos do ensino fundamental I, faixa etária de 9 a 10 anos de idade, de 1ª a 4ª série, da Escola de Aplicação da UFPa, por meio dos plantões psicológicos. As demandas identificadas e analisadas foram categorizadas de acordo com os estudos de Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), porém das 16 categorias criadas pelo autor, foram utilizadas 7 nesse trabalho, que são: 1- insatisfação no relacionamento com a família, 2- dificuldade escolar, 3- busca de reconhecimento, 4- preocupação com as consequências de ações e decisões passadas, 5- incomodo na maneira de agir e ser, 6- obter opinião profissional, 7- insatisfação com atribuições e contingências. Os dados analisados são apresentados em quatro gráficos distintos, que mostram desde o número de atendimentos até as principais demandas categorizadas na comunidade escolar. Na análise observou-se que o número de atendimentos sofreu decréscimo ao longo do tempo; que a maioria da clientela que busca o plantão psicológico é do sexo feminino e é constituída por alunos, que nenhum professor ou funcionário buscou atendimento e que a categoria de demanda mais frequente foi a que evidenciava problemas com relacionamentos familiares, mostrando que alguns problemas que influenciam na aprendizagem possuem origem para além dos muros da escola. Os resultados obtidos demonstram que o plantão psicológico na escola pode ser um instrumento valioso para criar e recriar práticas e teorias.

Keywords: Plantão Psicológico. Psicologia Escolar. Atuação do Psicólogo Escolar Educacional.

¹ Graduada em licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado do Pará. Psicóloga Graduada pela Universidade Federal do Pará Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must Univestity. E-mail: prisciladenazare@hotmail.com.

RESUMO: This the psychological duty aims to identify and analyze the main demands in the school community. For this, a bibliographical and descriptive research with a qualitative approach was carried out, with students of elementary school I, aged 9 to 10 years old, from 1st to 4th grade, from the School of Application of UFPa, through psychological shifts. The identified and analyzed demands were categorized according to studies by Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), but of the 16 categories created by the author, 7 were used in this work, which are: 1-dissatisfaction in the relationship with the family, 2- school difficulty, 3- search for recognition, 4- concern about the consequences of past actions and decisions, 5- discomfort in the way of acting and being, 6- obtaining professional opinion, 7- dissatisfaction with attributions and contingencies. The analyzed data are presented in four different graphs, which show from the number of attendances to the main demands categorized in the school community. In the analysis, it was observed that the number of attendances decreased over time; that the majority of the clientele that seeks the psychological duty is female and consists of students, that no teacher or employee sought care and that the most frequent demand category was the one that showed problems with family relationships, showing that some problems that influence in learning originate beyond the walls of the school. The results obtained demonstrate that the psychological shift at school can be a valuable instrument to create and recreate practices and theories.

Palavras-chave: Psychological Duty. School Psychology. Demands. Educational Role of School Psychologist.

INTRODUÇÃO

O mundo vive em constante transformação tecnológica, informacional e organizacional, o que leva ao surgimento de uma sociedade imediatista, na qual é imperativo se obter grande eficiência em um mínimo intervalo de tempo. Os pilares nos quais se sustenta a sociedade contemporânea, geram novas demandas sociais para o trabalho, exigindo do Psicólogo novas formas de atuação profissional, ou seja, aquelas que não se restringem apenas a atuação clínica do profissional de Psicologia, mas a uma enorme variedade de possibilidades de aplicação dos conhecimentos aprendidos teoricamente, sendo uma das vertentes, em foco na atualidade, a atuação do Psicólogo Escolar-Educacional, que trabalha com a demanda educacional, de forma interdisciplinar e busca atender as exigências da sociedade atual, através da aproximação com a comunidade escolar e do desenvolvimento de plantões psicológicos disponibilizados aos profissionais da educação, bem como a todos que fazem parte, de alguma maneira, da comunidade escolar.

O presente trabalho justifica-se pelo escasso referencial encontrado sobre o plantão escolar, o que revela uma incipiente produção científica. Pois, segundo Paparelli e Nogueira-Martins (2007) muito se fala das práticas emergentes, mas não há um posicionamento crítico, o que representa apenas uma transposição do modelo clínico tradicional para outros setores, como é o caso da escola. Outro fator, que para os autores torna relevante o estudo sobre o plantão escolar é a grande procura pelos serviços psicológicos que tem gerado longas listas de espera no setor público, o que

mostra a não-adequação da psicologia tradicional às novas demandas, já que nem todo mundo que procura um serviço psicológico quer ou precisa de psicoterapia; talvez precisem, apenas, de um contato verdadeiro e acolhedor no momento da procura. As pessoas buscam locais, onde possam ser ouvidas e expor o que está lhes afligindo, visto que no mundo individualista de hoje, quase ninguém tem tempo para ouvir o outro. Nesse sentido, o plantão psicológico já pode ser considerado, por si só, terapêutico.

Para Rebouças e Dutra (2010), a psicologia clínica não pode ser vista como uma área de atuação, mas como uma atitude ética e profissional, coerente com a contemporaneidade, pois o psicólogo clínico deverá estar preparado para atender as diferentes demandas presentes na sociedade atual, o que leva a uma maior compreensão do outro a partir da experiência e dos significados que o mesmo atribui ao mundo, considerando sempre o contexto em que está inserido, isto é, considerando o outro como um ser no mundo, constituído por ele, mundo, ao mesmo tempo em que o constitui.

O plantão psicológico é compreendido por Mosqueira; Morato e Naguchi (2006 apud REBOUÇAS; DUTRA, 2010) como uma nova modalidade da clínica, que não substitui a psicoterapia, mas é uma alternativa, que se adéqua as demandas atuais.

Assim, Paparelli e Nogueira-Martins (2007) consideram o plantão psicológico como uma prática clínica da contemporaneidade, que deve ser discutida como um desdobramento da psicologia clínica, bem como do sofrimento humano na tentativa de apresentar um panorama da atualidade e de suas principais demandas, trazendo uma reflexão ética e política sobre essa ação e a defesa de práticas mais condizentes com essa realidade da clínica psicológica na atualidade.

Com isso realizou-se um estudo bibliográfico de cunho descritivo e embasado na experiência vivenciada no estágio em Psicologia Escolar, na escola de aplicação da UFPa, com os alunos de ensino fundamental I (1ª a 4ª série). O presente estudo tem como objetivo geral identificar e analisar as principais demandas apresentadas pela comunidade escolar no plantão psicológico comparando-as com demandas apresentadas em estudos que foram utilizados como referencial teórico, buscando descrever os motivos da procura pelo serviço, para compreender a eficiência do mesmo como instrumento capaz de identificar demandas que interferem de forma negativa na relação ensino aprendizagem. Para isto foi formulada a seguinte questão problema: Quais as principais demandas apresentadas pela comunidade escolar da escola de aplicação da UFPa na procura pelo plantão psicológico?

REVISÃO DA LITERATURA

Revisitando a psicologia escolar-educacional

Questões pertinentes dizem respeito à desvinculação dos avanços alienantes da tecnologia, da globalização e da modernização com a melhoria da qualidade de vida e os valores humanos, produzindo-se sérios equívocos éticos e morais, com seus desdobramentos, no processo educacional (NOVAES, 2003, p.127).

Desta forma, ainda segundo Novaes (2003) na modernidade ocorre um esvaziamento da subjetividade devido as pressões e contradições existentes no cotidiano, apatia da massa, isto é, alienação como estratégia de sobrevivência, levando ao surgimento do sentimento de impotência que alimenta atitudes de descompromisso. Isto, como a própria autora nomeia é uma verdadeira anorexia moral, servindo como barreira para noções de justiça e solidariedade.

Segundo Maluf (2003), a partir da década 1970 houve, no Brasil, uma crescente reflexão crítica a respeito das relações entre a psicologia e a educação, buscando compreender os determinantes históricos e sociais e da atuação do psicólogo escolar. O discurso da crítica levou ao reconhecimento dos equívocos da prática do psicólogo, vítimas de um ensino apoiado em concepções equivocadas e inapropriadas para a realidade atual. Havendo a necessidade de os novos psicólogos escolares desenvolverem práticas com maior adequação a realidade social brasileira.

Del Prete e Del Prete (1996), apontam que a denominação Psicologia Escolar-Educacional (PEE) contribui com uma perspectiva mais abrangente e promissora da área. A profissionalização do PEE no Brasil esbarra com um curioso paradoxo, por um lado, a técnica de desenvolvimento político e econômico, de outro o modelo de desenvolvimento que teima em desconsiderar a prioridade dos investimentos na educação, gerando novos problemas, impondo restrições à profissionalização daqueles que poderiam contribuir para superá-lo. No caso, do PEE, as restrições ocorrem devido ao círculo vicioso da formação acadêmica inadequada.

Almeida (1999), diz ser necessário o desenvolvimento e a implementação de estratégias que visem a conscientização de papéis, de funções e responsabilidades dos sujeitos que participam do processo educativo, no intuito de possibilitar a desconstrução de uma antiga identidade voltada para o atendimento clínico, propiciando a construção de uma nova identidade profissional para o psicólogo que atua no cotidiano escolar.

Maluf (2003) argumenta que a psicologia escolar pode estar entrando em uma nova fase revitalizada pelo contexto cultural na qual ela tem papel determinante para desempenhar, visto que segundo, o autor, há uma necessidade urgente de criar estratégias que favoreçam novas experiências de formação e de atuação do psicólogo escolar que respondam de maneira adequada às demandas da sociedade brasileira,

atendendo à complexa e necessária relação entre a comunidade científica dos psicólogos e a sociedade em que ela se insere.

É por isso, que para Sant' Ana; Guzzo e Costa (2009), a formação do profissional psicólogo para o contexto escolar é um grande desafio para professores de estágio dessa área, pois a falta de associação entre teoria e prática contribui para uma atuação profissional que não responde às demandas vindas do espaço educativo, para compreender de forma mais totalizante todos os problemas desse contexto.

Kupfer (1997), afirma que diante das mudanças ocorridas na atuação do psicólogo escolar surgem dois problemas, o de demanda e o de técnica. O de demanda gera as perguntas, como participar ativamente da vida escolar? Caso, encontrada a brecha de trabalho, que instrumento utilizar?

Szimanski e Cury (2004 apud SZIMANSKI, 2004) dizem que toda a investigação é sempre uma intervenção, na qual tanto participantes quanto pesquisadores são afetados pela situação pesquisada. Pesquisas que implementam práticas educativas e clínicas não fogem a regra, pois sempre possuem caráter interventivo, desencadeando um processo de criação e adequação da metodologia de pesquisa apropriada aos fenômenos estudados em seu contexto material, buscando sempre enfatizar a ética profissional e a responsabilidade social na construção do conhecimento científico.

Depois de identificada toda a comunidade escolar torna-se necessária a identificação das demandas, sendo que o Psicólogo deve estar preparado para ouvir todas elas, já que são provenientes da comunidade escolar, buscando intervir de maneira criativa, caso a demanda seja de cunho coletivo deve atuar com ferramentas que possibilitem o fornecimento do máximo de informação destinadas ao maior número possível de pessoas, como exemplo, podem ser citadas as palestras, que foram ministradas na escola de aplicação da UFPa de acordo com as demandas surgidas nos plantões psicológicos.

Oliveira e Colaboradores (2012) apontam que o Psicólogo escolar no sistema educacional caracteriza-se por atuar em nível do macro-sistema educacional, tendo como função a mediação de conflitos de natureza social em relação ao sistema de ensino no nível de planejamento curricular geral. O profissional de Psicologia, que atua na escola deve prestar serviços diretos e indiretos à equipe educacional, orientando a mesma, na criação de programas que auxiliem no desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem.

Plantão Psicológico

Segundo Rebouças e Dutra (2010) o plantão psicológico é uma prática condizente com a realidade atual, pois surge como uma alternativa de prestação de serviços embasada em uma nova postura da clínica, com a qual o psicólogo passa a estar comprometido, passando a ter uma escuta sensível das demandas que chegam, mesmo que essa escuta seja única. Porém, o plantão não é uma psicoterapia alternativa

e nem se propõe a substituí-la, mas é sim uma prática clínica da atualidade, passível de ser ampliada para os diversos campos da prática profissional, a exemplo disso, podemos citar a escola.

A pesquisa realizada por Honório (2008), em seu estágio, realizado no décimo semestre do curso de Psicologia, sobre os atendimentos nos plantões psicológicos em uma delegacia da mulher e na própria clínica-escola da Unip, na qual cada estagiário cumpria duas horas semanais, trouxe a mesma, uma experiência enriquecedora para a prática profissional, pois a cada novo atendimento, havia um caso novo a ser estudado, o que acarretou em um aumento dos conhecimentos teóricos e práticos concomitantemente.

De acordo, Cury (1999), Araújo (2002), Furigo; Almendro; Sampedro; Zanelato e Ballalai (2006 apud FURIGO et al, 2008), o serviço de plantão psicológico, vem se mostrando apropriado para as reais necessidades da atual sociedade brasileira, visto que a ajuda é oferecida em momentos de crise, sem a necessidade previa de agendamento, facilitando a procura espontânea.

A pesquisa realizada por Nogueira-Martins e Paparelli (2007), considerou importante o plantão psicológico na formação em graduação, visto que o plantão leva o aluno em formação a perceber e explicar o atendimento prestado a sua comunidade, por meio do plantão, e em segundo lugar a atividade favorece a instalação de uma consciência crítica da realidade social e também a reflexão sobre a prática da psicologia. Para a pesquisa realizada foi feito o seguinte roteiro de perguntas:

“1) Qual a expectativa que você pôde perceber quanto à clientela que compareceu ao serviço de plantão psicológico?; 2) Em sua opinião, que necessidades essa clientela expressa, em seu pedido de ajuda psicológica, quando se utiliza do plantão psicológico?; 3) Na condição de psicólogo plantonista, sentiu dificuldades para atuar? Quais dificuldades?; 4) Nessa condição, quais foram os aspectos que facilitaram e contribuíram para sua inserção nesse trabalho?; 5) A vivência do papel de psicólogo plantonista no serviço de plantão psicológico propiciou mudanças na sua maneira de ver o trabalho do psicólogo?; 6) A partir de sua vivência e experiência, como você compreende a saúde mental, dentro da saúde pública?” (NOGUEIRA-MARTINS; PAPARELLI, 2007, p. 69).

O material obtido nos grupos focais foi gravado e posteriormente transcrito, os participantes foram alunos do 9º e 10º semestres do curso de psicologia, que realizam o serviço de plantão psicológico como estagio curricular. O roteiro de pesquisa consistia nos seguintes procedimentos: uma pré-análise, isto é, o material é coletado e lido. A segunda, é a de exploração do material, esta é uma fase de codificação, na qual há classificação e agregação de dados em categorias teóricas ou empíricas, através da organização dos temas. É na terceira fase, a de tratamento dos resultados obtidos em que são interpretados os dados, segundo a dimensão teórica adotada.

Segundo Moura (2001) o procedimento psicoterapêutico denominado plantão psicológico objetiva trabalhar as demandas urgentes e imediatas levantadas pelo cliente quando ocorre a tomada de consciência no momento de seu sofrimento psíquico.

Plantão psicológico e o sofrimento humano

Segundo Barus-Michel (2003) definir o que é sofrimento humano não é uma tarefa fácil de ser realizada, visto que tal definição depende da maneira de compreender o sofrimento, que possui pontos coincidentes e controversos de acordo com o período histórico e cultural em que foi vivenciado.

Para Bernardo (2009) a dor indesejável pode trazer aspectos positivos à vida, pois quando está sofrendo, a grande maioria das pessoas, é instigada a autorreflexão, algo necessário, já que é um mecanismo de defesa do organismo, que alerta quando está ocorrendo algo errado com o mesmo.

O ser humano da contemporaneidade, para Rebouças e Dutra (2010), se encontra perdido e completamente alienado de si, fato que leva ao adoecimento humano. No mundo atual, a sociedade é pautada na ética do consumo, consolidada pelo capitalismo e pela globalização, nos quais não existe espaço para o diferente e o singular.

Desta forma, Dantas e Tobler (2003,) afirmam que: “A cultura de consumo coloca o sujeito na condição de portador de um sentimento permanente de vazio e desesperança, que contribui para o fortalecimento da crença de que o remédio para males pode ser adquirido, comprado, ingerido e incorporado”. (p.2)

Para responder a pergunta acima tomaremos como base o que dizem Vieira e Cagliumi (2009) ao afirmarem que atualmente no Brasil há poucos recursos de saúde mental disponíveis para a população. Assim, o plantão psicológico oferece atendimento psicológico ao indivíduo em situações de crise, não oferecendo psicoterapia e nem acompanhamento psicológico, mas caso haja necessidade haverá o encaminhamento para instituições da rede de saúde e de apoio social

Dessa forma, segundo Vieira e Cagliumi (2009) o objetivo do plantão psicológico é o de prevenção da saúde mental, colaborando para a diminuição do aparecimento de transtornos mentais. Para Albel (1996 apud VIEIRA e CAGLIUMI, 2009) a desordem mental pode ser descrita como um desajuste adquirido socialmente, ligado às experiências estressoras, que acarretam em atitudes reprovadas socialmente, assim fica inaceitável procurar a deficiência interna ao indivíduo, quando se apresentam sinais evidentes de fontes externas de opressão capazes de desencadear a patologia mental, que muitas das vezes é originária de um acúmulo de fatores, que podem ser expressos na seguinte fórmula: Incidência de Psicopatologia = Fatores orgânicos + pressão/tensão+exploração + Habilidades de enfrentamento (auto-estima e suporte).

O plantão psicológico no contexto escolar-educacional

No primeiro semestre de aplicação do plantão psicológico, realizado por Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), foram realizados 134 atendimentos, que corresponde a 11,9 % dos alunos da escola. As demandas foram categorizadas, em 15 categorias: 1- arrependimento e culpa, 2-busca de reconhecimento, 3-desconfiança nos relacionamentos, 4-dificuldades com drogas, 5-dificuldade com a escola, 6-dificuldade em escolha e decisão, 7-elaboração de perdas, 8-falta de correspondência no relacionamento amoroso, 9-falta de reciprocidade nos relacionamentos amorosos já estabelecidos, 10-incômodo nas maneiras de agir e ser nas situações, 11-insatisfação com as atribuições e contingências, 11-insatisfação no relacionamento com a família, 12-insatisfação com o relacionamento com a família, 13-obter opinião profissional, 14-preocupação com a consequência de ações e decisões passadas, 15-sexualidade. Porém, estudos de caso realizados, com mais de 50% do corpo discente resultaram em novas demandas, como: 1-problemas de relacionamentos, 2-auto-apresentação, 3-questões sexuais, 4-problemas escolares, 5-preocupação com a autoimagem, 6-tópicos especiais, 7-feedback ao plantão, 8-conhecer o plantão-plantonista e 9-questões variadas.

Em geral, para Tassinari (2003), as pessoas do sexo feminino foram as que buscaram mais atendimentos, podendo este fato ser relacionado à cultura machista que prevalece no Brasil, pois quanto mais velho o menino menor era sua procura. Em relação à avaliação geral, mostrou-se positiva, pois 57,6%, dos alunos que foram atendidos e os que não foram, consideraram o plantão: “ótimo, legal e que devia continuar etc.”(p.2). Em contraposição, 2,2% consideraram-no chato e sem serventia, enquanto, 8% não fizeram qualquer comentário sobre o plantão na escola, apesar de terem comparecido ao mesmo, e por fim 30,55% não esboçaram qualquer comentário, pois não haviam participado dos atendimentos.

Para, Szymanski (2004), o plantão psicoeducativo pode ser compreendido de acordo com a proposta dialógica de Paulo Freire, que constitui um dos eixos para implantação do plantão. Tal proposta Freiriana (1970,1977, 1989, 1996) favorece a humanização entre os membros da comunidade escolar, indo contra a educação bancária e autoritária, dando lugar a uma educação libertadora, não só no ambiente escolar, mas em outros ambientes, como o familiar e o comunitário, dos quais o indivíduo também faz parte. A proposta foi que o plantão se constituísse em um lugar de diálogo, segundo Freire (1970) “é o encontro do ser humano, mediatizado pelo mundo, na relação eu-tu” (p.91). Por isso, pode-se falar do diálogo como uma exigência existencial, dentro de uma dimensão criadora, transformadora, que deve ocorrer no atendimento do plantão psicológico.

Para Freire (1970), vive-se uma pedagogia do oprimido, onde a lógica do dominador perpassa na prática educativa que fortalece uma educação bancária, sem levar o sujeito a reflexão e consciência de seus atos, que é possível através da

dialogicidade, ou seja, é por meio das palavras que é possível a ação e reflexão que leva a transformação na práxis, de maneira consciente e não alienante.

Outra pesquisa realizada, por Moura (2001) foi relatada em relação ao plantão psicológico na escola. Iniciou-se o trabalho com uma intensa propaganda na escola, visitando todas as salas de aula, em todos os turnos, para explicar o que seria plantão psicológico e para também responder as perguntas dos alunos. Tais perguntas eram as seguintes: “o que faz o psicólogo?”, “qual a diferença entre o psicólogo e o padre?”, “eu não sou louco, porque eu preciso ir ao Plantão?” (p.2), foram as mais frequentes. Também, neste período de divulgação, foi solicitado para a direção da escola que as músicas do CD que acompanha o livro “Plantão Psicológico: novos horizontes”, organizado pelo professor Mahfoud (1999, apud TASSNARI, 2003), fossem tocadas nos intervalos de recreio durante três semanas nos três turnos. O objetivo disso, era o de tornar o tema e as questões do Plantão familiares e próximas das realidades dos alunos, uma vez que as músicas eram voltadas para o público jovem, com ritmos variados entre o Rap e o Rock.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva de abordagem qualitativa e com amostra não probabilística, com a comunidade escolar do ensino fundamental I (faixa etária de 9 a 10 anos de idade) de 1ª a 4ª série da Escola de Aplicação da UFPA, que utilizou o serviço do plantão psicológico.

Os plantões foram oferecidos às quartas feiras, entre o mês de setembro a dezembro de 2011. Foram realizados 10 atendimentos: dois no mês de setembro, 3 no mês de outubro, quatro no mês de novembro e um no mês de dezembro, por dois grupos de estagiários, onde cada grupo possuía três estagiários, que participavam do plantão alternadamente as quartas-feiras, exceto nos feriados. O recurso utilizado nos plantões foi o de fichas de registros.

Os atendimentos aconteceram na sala de leitura da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, que surgiu em 7 de Março de 1963 como a Escola Primária da Universidade Federal do Pará. Tinha como finalidade a função de oferecer escolaridade aos filhos de funcionários da Universidade em idade escolar. Um ano depois, em 1964 foi criado o Colégio Universitário que tinha como objetivo atender aos alunos que alcançavam o ginásio, hoje equivalente ao ensino médio. Apenas, 1975 a Escola Primária e o Centro Universitário se unificam e assim nasce o Núcleo Pedagógico Integrado - NPI, passando também a ser o local de estágio para os alunos e bolsistas de licenciatura da UFPA.

Para responder a pergunta de pesquisa foram levantados todos os atendimentos que realizei, no primeiro semestre de estágio em psicologia escolar,

buscando analisar as principais queixas apresentadas, de acordo com o estudo realizado por Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), através da categorização das demandas, no intuito de compreender quais delas são as mais recorrentes no plantão psicológico. As 7 categorias usadas no presente estudo foram extraídas das 16 categorias utilizadas no trabalho de Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003) e assim apresentadas: 1- insatisfação no relacionamento com a família; 2- dificuldade escolar; 3- busca de reconhecimento; 4- preocupação com as consequências de decisões passadas; 5- incomodo na maneira de agir e ser; 6- obter opinião profissional; 7- insatisfação com atribuições e contingências.

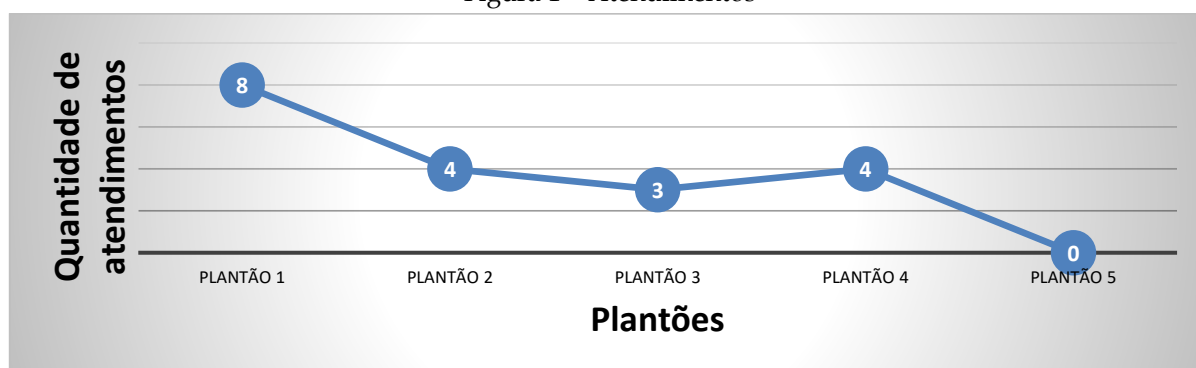
RESULTADOS

A base teórica, anteriormente estudada, trouxe uma visão mais ampliada do fazer psicológico na escola, pois através do texto de Novaes (2003) foi identificada a necessidade de compreender a psicologia escolar educacional, para além do saber clínico, isto é, do saber psicologizante e reducionista, compreendendo-a através de um saber totalizante, estendendo os limites da escola para além de seus muros, em uma rede complexa, de acordo com a realidade local, da qual a escola faz parte interagindo com o contexto familiar do aluno.

Durante os plantões de escuta e acolhimento psicológicos, raramente os pais buscaram os atendimentos e também não foi atendido nenhum professor ou funcionário, visto que eles não buscaram o serviço. Quando comparecia algum funcionário, era para sugerir algum atendimento para alunos.

Foram atendidas 21 pessoas (sendo 19 alunos, 1 mãe e 1 avó), em 4 plantões de atendimento, pois apesar de ter ocorrido o 5º plantão, não compareceram interessados, sendo 8 pessoas no primeiro plantão; 4 no segundo plantão; 3 no terceiro e quarto plantões, e nenhuma no quinto plantão. Outro dado importante, é que três alunos passaram três plantões trazendo a mesma queixa, que era referente a conflitos em sala de aula.

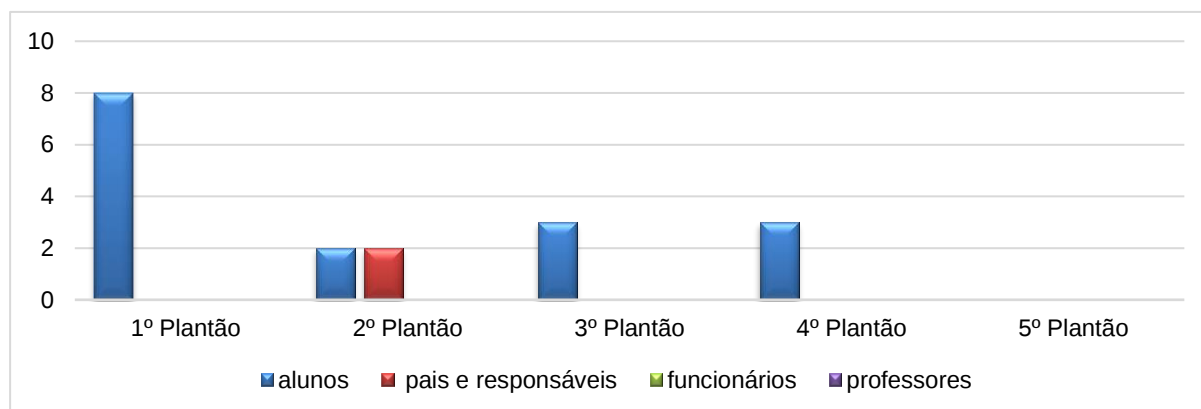
Figura 1 – Atendimentos



Fonte: A autora

O gráfico demonstrado na Figura 2, mostra que em todos os atendimentos realizados, os alunos foram os mais atendidos, somente no segundo plantão foi que compareceram uma mãe e uma avó, sendo que funcionários e professores, não foram atendidos em nenhum dos plantões e apenas 4 alunos do sexo masculino foram atendidos no decorrer dos plantões.

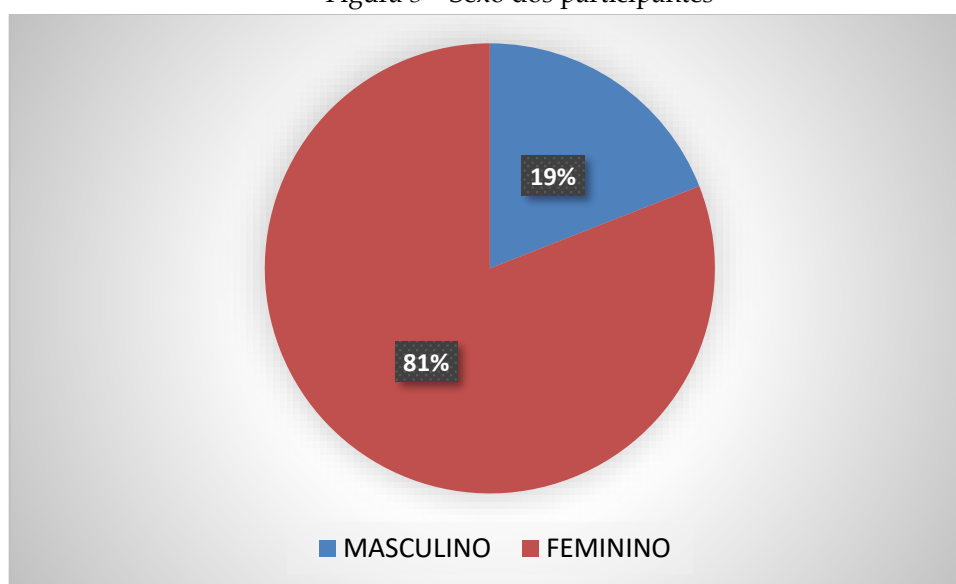
Figura 2 – Atendimentos



Fonte: A autora

A Figura 3 mostra que dos 21 atendimentos realizados no plantão psicológico, somente, 4 foram de alunos do sexo masculino, em contra partida 17 atendimentos foram realizados com pessoas do sexo feminino, incluindo a mãe e a avó de um dos alunos da Escola de aplicação da UFPa. Isso mostra, a maior procura pelo plantão psicológico por pessoas do sexo feminino.

Figura 3 – Sexo dos participantes



Fonte: A autora

O quadro 1 apresenta os resultados obtidos no atendimento do plantão 1.

Quadro I – Resultados obtidos – plantão 1

Clientela	Idade (anos)	Série Turma	Tempo (min)	Motivo (s)	Observações
Aluna	9	3ª. Série Turma 303	20	Conflito com sua irmã mais velha.	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluna	10	3ª. Série Turma 303	2	Conflito com os colegas em sala de aula e não gosta da escola.	Dificuldade com a escola
Aluna	10	3ª. Série Turma 305	22	Rejeição de uma colega em sala de aula.	Busca de reconhecimento
Aluna:	10	3ª. Série Turma 305	35	Conflito com os colegas em sala de aula e dificuldade de aprendizagem.	Dificuldade com a escola
Aluna	10	3ª. Série Turma 305	20	Alguns colegas lhe agredirem fisicamente	Preocupação com a consequência de ações passadas
Aluna	9	3ª. Série Turma 303	22	Dificuldade de se relacionar com alguns de seus colegas	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluno	9	3ª. Série Turma 303	25	Raiva de um colega	Obter opinião profissional
Aluno	10	3ª. Série Turma 305	25	Raiva e desejo de bater nos colegas.	Preocupação com a consequência de ações e decisões passadas.

Fonte: A autora

O quadro 2 apresenta os resultados obtidos no atendimento do plantão 2.

Quadro 2 – Resultados atendimentos plantão 2

Clientela (nome-categoria)	Idade (anos)	Série	Tempo (min)	Motivo(s)	Observação
Avó	55	4ª.	54	Agressividade do neto. Obs.: Avó apresentava um comportamento verbal e nao verbal de agressividade	Dificuldade com a criança
Aluno	10	4ª.	30	A avó tê-lo chamado em sala de aula. Obs.: A criança apresentava um comportamento retraído e calmo	Insatisfação no relacionamento com a família
Familiar	46	1ª./9	60	A filha não gosta de estudar. Obs.: Ainda não tem a guarda definitiva da criança, porque, diz não querer regularizar a criança , diante a lei, como sua filha.	Dificuldade lidar com a criança
Aluna:	9	3ª.	20	Ter brigado com a mãe	Insatisfação no relacionamento com a família

Fonte: A autora

O quadro 3 apresenta os resultados obtidos no atendimento do plantão 3.

Quadro 3 – Resultados atendimentos plantão 3

Clientela (nome-categoria)	Idade (anos)	Série/ Turma	Tempo (min)	Motivo(s)	Observação
Aluna	9	303	15	Preocupação com assalto	Insatisfação com atribuições e contingências.
Aluna	9	303	15	Não gosta de uma professora	Dificuldade escolar
Aluna	10	303	22	Não gostar de chegar em casa	Insatisfação no relacionamento com a família

Fonte: A autora

O quadro 4 apresenta os resultados obtidos no atendimento do plantão 4.

Quadro 4 – Resultados atendimentos plantão 4

Clientela (nome-categoria)	Idade (anos)	Série/ Turma	Tempo (min)	Motivo(s)	Observação
Aluna	9	303	15	Sentir falta do pai.	Insatisfação no relacionamento com a família
Aluna	9	303	15	Brigas com colegas em sala.	Dificuldade na escola
Aluno	10	303	22	Raiva de uma colega de sala de aula.	Obter opinião profissional

Fonte: A autora

O Quadro 5 e a Figura 4 apresentam a categorização das demandas.

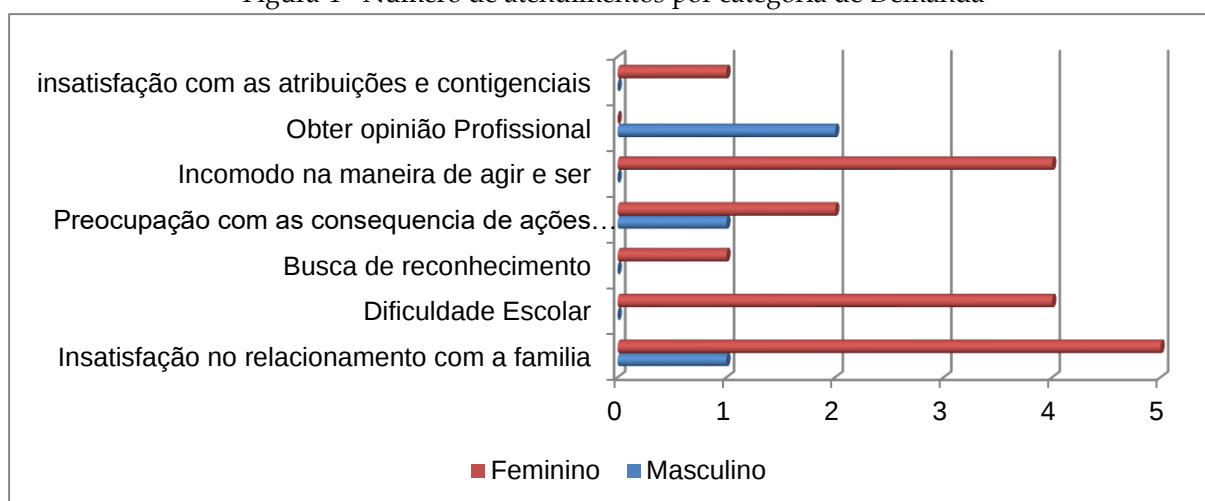
Quadro 5 – Categorização das demandas

Atendidos	Demandas
Aluno	Insatisfação no relacionamento com a família
Aluna	Insatisfação no relacionamento com a família
Aluna	Insatisfação no relacionamento com a família
Aluna	Insatisfação no relacionamento com a família
Mãe de aluno	Insatisfação no relacionamento com a família
Avó de aluno	Insatisfação no relacionamento com a família
Aluna	Dificuldade escolar
Aluna	Dificuldade escolar
Aluna	Dificuldade escolar
Aluna	Dificuldade escolar
Aluna	Busca de reconhecimento
Aluna	Preocupação com as consequências de ações passadas e decisões passadas

Aluna	Preocupação com as consequências de ações passadas e decisões passadas
Aluna	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluna	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluna	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluna	Incomodo nas maneiras de agir e ser.
Aluno	Preocupação com as consequências de ações e decisões passadas.
Aluno	Obter opinião profissional
Aluno	Obter opinião profissional
Aluna	insatisfação com atribuições e contingências

Fonte: A autora

Figura 4 - Número de atendimentos por categoria de Demanda



Fonte: A autora

A Figura 4 é baseada nas demandas que foram categorizadas no trabalho realizado por Mahfoud(1996 apud TASSINARI, 2003), utilizadas na identificação das demandas de cada aluno atendido no plantão psicológico na Escola de Aplicação da UFPa.

Na Figura 4, de acordo com a categorização feita, por Mahfouud (1996 apud TASSINARI, 2003), seis pessoas foram categorizadas, como Insatisfeitas no relacionamento com a família, outras quatro, foram categorizadas, em dificuldade escolar, três alunos foram categorizados em preocupação com as consequências de ações e decisões passadas. Outros quatro se inserem na categoria Incomodo nas maneiras de agir e ser, dois alunos se inserem na categoria Obter opinião profissional, um aluno se insere na categoria insatisfação com atribuições e contingências e outro aluno pertence à categoria busca de reconhecimento.

Além disso, observa-se no gráfico da Figura 4, que dos 4 alunos do sexo masculino que procuraram o plantão, dois alunos se encaixam na categoria, obter opinião profissional, um se encaixa na categoria preocupação com as consequências de ações e decisões passadas e um se encaixa em insatisfação no relacionamento com a família.

Na categoria obter opinião profissional, somente alunos do sexo masculino procuraram o plantão com essa categoria de demanda, já na categoria preocupação com as consequências de ações e decisões passadas apenas um dos três alunos que procuraram o plantão era do sexo masculino, por fim na categoria insatisfação no relacionamento com a família a grande maioria dos alunos era do sexo feminino, 5, sendo que apenas um aluno era do sexo masculino, sendo que nas demais categorias não houve procura pelo plantão psicológico por parte de alunos do sexo masculino.

DISCUSSÃO

Rebouças e Dutra (2010), dizem que o plantão psicológico é uma prática coerente com a realidade atual, porque apesar da escuta ser única, ela é sensível a demanda que chega na escola. Como diz, Honório (2008), o objetivo do plantão, é de orientar e auxiliar na resolução de dificuldades emergenciais focadas. Sem cometer o equívoco, como fala Roseenthal (1999 apud HONÓRIO, 2008), de considerar que o plantão psicológico atende somente pessoas em crises emocionais agudas e quadros psiquiátricos graves, mas propiciando um espaço de escuta imediata, para pessoas com certa dificuldade, oferecendo a escuta e o acolhimento.

Na Escola de Aplicação da UFPA, foram realizados 5 plantões, nos quais atendi 21 pessoas, e o número de pessoas foi decaindo com decorrer dos plantões, como mostra a Figura 1, 8 pessoas foram atendidas no plantão I, 4 no plantão II, 3 no plantão III e IV e zero no V plantão. Isso, mostra que como afirmam os autores acima, o atendimento único e imediato, é eficaz na escola, visto que a diminuição da demanda pode ser resultado positivo dos atendimentos.

Para Furigo et al (2008), o plantão psicológico vem se consolidando por meio de estudos e pesquisas, como um método eficaz de trabalho. De acordo, com a visão da diminuição de atendidos na escola, pode-se deduzir que o plantão se constitui em algo eficaz, para o trabalho na escola, ou que as pessoas querem, apenas fazer o esvaziamento imediato da angústia, sendo que o Psicólogo, segundo Rebouças e Dutra (2010), deve estar comprometido com uma escuta sensível, acolhedora e de aceitação incondicional, mesmo que a procura resuma-se a um único plantão.

No plantão, buscou-se aproximar o aluno da sua realidade social e de sua comunidade, através do acolhimento da demanda, promovendo autonomia do mesmo em relação ao convívio, que o aluno possui com o mundo ao seu redor. Para

Nogueira-Martins e Paparelli (2007), os objetivos do plantão psicológico são o de aproximar o aluno de sua realidade social e de sua comunidade, no intuito de capacitar o aluno a desenvolver potenciais para lidar com dificuldades emergentes.

Como nos estudos, de Nogueira e Paparelli (2007), verificou-se que a clientela atendida no plantão psicológico, em sua maioria, desconhecia o trabalho do psicólogo, confundindo-o muitas das vezes com o trabalho do médico, exigindo do plantonista soluções imediatas aos seus problemas, compreendendo o outro como único responsável por seus problemas, não compreendendo a sua responsabilidade e impotência diante de suas dificuldades.

De acordo com resultados obtidos Figura 1, observou-se que a maioria das pessoas que buscou atendimento foram alunos, totalizando 19 de 21 atendimentos. Sendo atendidos somente dois responsáveis pelas crianças, nenhum professor e nenhum funcionário, provavelmente mostrando que o ser humano da contemporaneidade se encontra alienado de si, fato que leva ao adoecimento humano como afirma Rebouças e Dutra (2010) ou a própria resistência diante do trabalho do Psicólogo.

É inegável a crise que se vive na escola na atualidade e mais preocupante é o desinteresse que os professores apresentam diante das dificuldades que fazem parte do cotidiano das instituições de ensino, 19 alunos apresentaram queixas, referentes a sua vida, a escola, a família ao seu modo de agir e nenhum professor ou funcionário, apresentou queixas, algo que no mínimo leva a um questionamento, como estão os professores, diante do sofrimento de seus alunos e de seu próprio sofrimento? Segundo, Dantas e Tobler (2003), a dor de viver leva a um estado de suspensão, de total alienação da existência, colocando o ser humano na condição de “portador” de um sentimento permanente de vazio e desesperança, algo que pode se perceber nos professores. Mas, isso ocorre segundo os autores citados, porque o ser humano da atualidade vive um profundo estado de alienação que gera o estado de desesperança, agonia e desespero.

A não procura pelo plantão psicológico, por parte de professores e funcionários pode estar relacionada, de acordo com Tales(2003 apud VIEIRA; CAGLIUMI, 2009), ao medo extremo do insucesso, existente na atual sociedade capitalista. Para esses autores, a desordem mental pode ser descrita como um desajuste adquirido socialmente, ligados, tanto a experiências estressoras, quanto atitudes reprovadas socialmente, assim os autores citam uma formula para compreender a patologia mental, que é a seguinte: incidência da psicopatologia = fatores orgânicos + pressão/tensão/ exploração+habilidades de enfrentamentos (auto-estima e suporte).

O gráfico da Figura 2 mostra que em sua maioria a clientela que buscava o plantão psicológico era formada por alunos e que de toda a comunidade escolar, apenas dois responsáveis, por alunos, foram à procura de atendimento, sendo que nenhum funcionário da Escola de Aplicação procurou o plantão a não ser para indicar

alunos, que segundo eles necessitavam de auxílio psicológico. Isso mostra, que em sua maioria, a comunidade escolar desconhece o trabalho do Psicólogo Educacional, considerando-o como mero “consertador” de comportamentos de “alunos-problema”. Como afirmam Nogueira-Martins e Paparelli (2007) a clientela atendida no plantão psicológico, de maneira geral, apresenta uma visão distorcida e preconceituosa das práticas psicológicas.

No gráfico da Figura 3, verifica-se que a maioria da clientela atendida nos plantões psicológicos é pertencente ao sexo feminino (17), sendo apenas 4 clientes pertencentes ao sexo masculino. Tal resultado é coerente com o resultado da pesquisa de Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), na qual a maioria da clientela também era do sexo feminino, fato que pode ser justificado pela cultura machista que ainda prevalece no Brasil.

Em relação ao gráfico da Figura 4, que aborda a categorização das demandas de acordo, com estudos de Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003), se obteve as seguintes demandas categorizadas, seis pessoas foram categorizadas, como Insatisfação no relacionamento com a família. Outras quatro foram categorizados, em dificuldade escolar, três alunos foram categorizados, em preocupação com a consequência de ações e decisões passadas. Outros quatro, foram categorizados, como Incomodo nas maneiras de agir e ser, dois alunos foram categorizados, em Obter opinião profissional, enquanto um aluno foi categorizado em Insatisfação com atribuições e contingências e outro foi categorizado em Busca de reconhecimento.

De acordo com Tassinari (2003) mais da metade dos atendimentos realizados nos estudos de Mahfoud (1996) foram referentes a demandas de relacionamento, o que demonstra coerência com os resultados obtidos no presente estudo, já que a demanda mais frequente nos atendimentos realizados na Escola de Aplicação da UFPa foi a de Insatisfação no relacionamento com a família. Por outro lado, a demanda Dificuldade escolar foi pouco evidente nos estudos de Mahfoud (1996), porém no presente estudo ela passou a ser a segunda categoria mais demandada, ficando empatada com a categoria Incomodo na maneira de agir e ser, contudo é preciso salientar que Mahfoud (1996) realizou 134 atendimentos, que acarretaram em 15 diferentes categorias de demanda, ao contrário do estudo em questão, no qual foram realizados 21 atendimentos categorizados em 7 diferentes demandas, que provém dos estudos de Mahfoud (1996 apud TASSINARI, 2003).

Para Tassinari (2003), o plantão psicológico no contexto escolar, não se resume ao diagnostico clinico, mas a uma ajuda com maior liberdade, diante dos temas pessoais e críticos surgidos, sem constrangimento, buscando sempre a sociabilidade do aluno no contexto escolar.

Algo, que foi realizado no plantão psicológico desenvolvido pelos estagiários de Psicologia e que se diferencia dos estudos de Tassinari (2003) foi a ampla divulgação dos serviços, pois tivemos dificuldade na divulgação do plantão, por questões

referentes a burocracias de escola. Na divulgação destinada a alunos do ensino médio foram utilizados folhetins com a musica do Legião Urbana: “quase sem querer”, enquanto para os alunos do ensino fundamental foram utilizados folhetins contendo uma estória em quadrinhos, com informação sobre o horário e local do plantão psicológico.

O plantão de escuta Psicológica, é uma das maneiras de lidar, segundo as palavras de Novaes (2003), “com a eterna crise da educação” (p.22), no intuito colaborar na relação ensino aprendizagem, colocando no centro desse processo preocupações éticas e sociais.

Porém, ainda é um desafio o trabalho do psicólogo na escola, como afirmam Del Prete e Del Prete (1996), pois ainda vem sendo pouco enfatizado na formação acadêmica do psicólogo, o que dificulta a atuação do psicólogo na escola. Havendo uma necessidade, segundo, Almeida (1999), de um redimensionamento das praticas psicológicas, no contexto escolar passando por uma revisão e reatualização do campo teórico e conceitual, no intuito de promover uma atuação profissional transformadora da realidade educacional e das relações sociais na escola. Tendo cuidado para não dissociar a teoria da pratica, visto que muitas das vezes teorias são mal assimiladas e inadequadamente interpretadas, descontextualizadas da realidade escolar e social.

A experiência com o plantão psicológico não se restringiu em si mesma, pois propiciou uma visão diferenciada e não alienada do trabalho do Psicólogo Escolar, pois foi além da visão reducionista e tradicional, que trata o ambiente escolar como uma continuação do ambiente clinico, o que torna o Psicólogo despreparado para lidar com as demandas surgidas na sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o plantão psicológico é uma forma eficaz de atuação do psicólogo na escola, visto que é uma maneira de levantar demandas, que muitas das vezes estão encobertas no ambiente escolar, por falta de oportunidade e de um local apropriado para se expor. Além, de ser um fator que vai de encontro com a educação bancaria que ainda persiste no meio escolar, onde é negado ao aluno um lugar para expor suas ideias e dialogar expondo suas dificuldades.

Porém, durante os plantões a pouca participação de pais e a não participação de professores e funcionários, mostra conformação com vários problemas que se vive na escola e também, a descrença ou o medo do estigma da incapacidade, o impedimento de expor as dificuldades que se vive ou mesmo a falta de credibilidade nesse tipo de trabalho.

Apesar de ter sido feita a divulgação para os alunos do ensino médio e fundamental, a mesma também poderia ter sido feita de forma especifica para os

professores, funcionários e responsáveis pelos alunos, podendo esse ter sido também um dos motivos para a pouca procura pelo plantão psicológico por parte da comunidade escolar em geral. Nesse processo a psicologia busca ser uma ciência em benefício da escola, no intuito, de ajudar a mesma a sair da eterna crise que vive a educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. O Psicólogo no cotidiano da escola: resignificando a atuação profissional. In: GUZZO, R. S.(org.). Psicologia Escolar: LDB e educação hoje. Campinas: Alínea, 1999.

BARUS-MICHEL. A doença e o sofrimento humano.2003. Disponível em: www.psicologianet.com.br.<Acesso em>: 05/09/2012.

BERNARDO, R.C.P. Dor e sofrimento humanos. Artigo científico, 2009.Disponível em:< www.filosofante.com.br/?p=687>. Acesso em: 06 de setembro de 2012.

DANTAS, M.A; TOBLER, V.L. O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura de consumo. Artigo científico, anais Congresso ABRAPSO Brasil, 2003. Disponível em: < http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=a0175 >. Acesso em: 07 de junho de 2012.

DEL PRETTE, Z. A. P. DEL PRETTE. A. Habilidades envolvidas na atuação do psicólogo escolar e educacional. In: WESCHSLER (org.). Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido.23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FURIGO,R.C.P.L, et al. Plantão Psicológico: uma prática que se consolida. Boletim de psicologia vol.LVIII,nº129.São Paulo, 2008.

GUZZO, R. S. L; COSTA, A. S., & SANT'ANNA, I. M. Formando psicólogos escolares: problemas, vulnerabilidades, desafios e horizontes. In: ARAÚJO (Org.). Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação. Campinas: Alínea, 2009.

HONORIO, K.B. Plantão Psicológico.Artigo científico. São Paulo, 2008.

KUPFER, M. C. M. O que toca a/à Psicologia Escolar. In: MACHADO, M.N; SOUZA, M.P.R. (Orgs.), Psicologia escolar: Em busca de novos rumos.3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MALUF, M. R. Psicologia Escolar: reafirmando uma nova formação e atuação profissional. In: YAMAMOTO, O.H; GOUVEA, V.V. (Org.). Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MALUF, M. R. Psicologia Escolar: Novos olhares e o desafio das práticas. In: ALMEIDA, S. F. C.(Org.), Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional . Campinas, SP: Alínea. 2003.

MERLEAU-PONTY, M. Ciências do homem e fenomenologia. São Paulo: Saraiva, 1973.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. A Psicologia Escolar nas Diretrizes Curriculares. In: CAMPOS,H. (Org.). Formação em Psicologia Escolar: realidades e perspectivas. Campinas-SP: Alínea, 2007.

MOURA, I. F. C (col). Plantão Psicológico na escola: o aluno como centro, 2001 .Disponível em : <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu0515.htm>.. Acesso em: 27/03/2012.

NOVAES, M. H. Repensando a formação e o exercício profissional do psicólogo escolar na sociedade pós-moderna. In: ALMEIDA, S. F. C. de. (Org.). Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional. Campinas, SP: Alínea, 2003.

OLIVEIRA,B; SOUZA, J; FREITAS,J. O que faz um Psicólogo Escolar: funções da Psicologia Escolar, 2012. Disponível em: www.psicologianet.com.br.<Acesso em>: 05/09/2012.

PAPARELLI, R.B; NOGUEIRA-MARTINS,M.C.F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico.Artigo científico, Brasília, 2007.

REBOUÇAS, M.S.S; DUTRA, E. Turno psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. Revista abordagem gestalt. vol.16, nº01.Goiânia, 2010.

SOUZA, R.C. Psicólogo na escola. Disponível em: <http://www.brasile scola.com/psicologia>, 2002. <Acesso em > 06/09/2012.

SZYMANSKI,H. Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. São Paulo, revista Psicologia da educação nº19, 2004.

TASSINARI, M.A. A clínica da urgência psicológica: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos. Tese de doutorado, UFRJ.Rio de Janeiro,2003.

VIEIRA,D.M; CAGLIUMI,W.A. Serviço de plantão psicológico aos clientes da área de saúde. Disponível em:www.psicologia.com.pt, 2009. <Acesso em>: 25/02/2012.